

## MAC: um museu para a arte do presente e do futuro

Sérgio Rebollo Gonçalves

O Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo foi criado em 1963, quando a universidade recebeu de Francisco Matarazzo Sobrinho e Yolanda Penteadó a doação de sua coleção particular, ao lado da coleção que se havia formado para constituir o primeiro museu de arte moderna do Brasil e da América Latina, onde se juntaram aquisições desses mecenas, doações de artistas e obras premiadas nas bienais do período 1951-1961.

O MAC tem como herança a história da constituição da primeira coleção especializada em arte do século XX, de perfil nacional e internacional, em toda a América Latina.

Entre os trabalhos internacionais de grande peso e importância que abriga, citando uns poucos nomes, estão obras de Boccioni, Picasso, De Chirico, Max Ernst, Kandinsky, Léger, Matisse, Modigliani, Morandi, Calder e Rauschenberg. No âmbito da arte brasileira, está no Museu o que de melhor foi feito no século XX e início do XXI, incluindo obras de Tarsila, Anita Malfatti, Brecheret, Rego Monteiro, Ismael Nery, Portinari, Di Cavalcanti, Rebollo, Volpi, Bonadei, Waldemar Cordeiro, Lygia Clark, Hélio Oiticica, Tomie Ohtake, Maria Bonomi, Regina Silveira, entre muitos outros nomes de grande significação histórica e contemporânea.

O processo de constituição do acervo destinado ao futuro museu ocorreu nos anos 1940, especialmente logo após a Segunda Guerra Mundial, época em que no mercado internacional havia possibilidade de compra, a bom preço,



*A negra de Tarsila do Amaral*

de obras de nomes significativos da história da arte do século XX. No imediato pós-guerra, Francisco Matarazzo, com a orientação de críticos brasileiros e estrangeiros, adquiriu obras importantes para o acervo do atual Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo.

Um ponto de estímulo significativo na formação do primeiro espaço institucional dedicado à arte do século XX foi o exemplo bem-sucedido do MoMA de Nova York. O mecenas norte-americano Nelson Rockefeller doou aos brasileiros, no início do decênio de 1940, um primeiro conjunto de obras internacionais de dez artistas, destinadas ao futuro museu. Eram obras de Alexander Calder, André Masson, Max Ernst, Fernand Léger, George Grosz, Marc Chagall, Robert Gwathmey, Jacob Lawrence, Arthur Osyber e Everett Spruce.

Num segundo momento, outro fator constituiu-se em impulso para a construção do acervo, garantindo a sua constante atualização. Trata-se da ação institucional da Bienal de São Paulo, que transferiu para a coleção do museu inúmeras obras presentes em seus certames, mesmo depois de 1963, quando a Bienal se transformou em fundação, já sem ligação com o antigo Museu de Arte Moderna, e quando a coleção desse museu passou à Universidade de São Paulo. O MAC realizou, por seu lado, algumas aquisições e incorporou novas doações de artistas e colecionadores.

Como museu universitário, o MAC tem claro seu objetivo de consolidar alguns pontos, tais como: (1) sua identidade como museu com um acervo de arte dos séculos XX e XXI; (2) seu papel em relação à sua inserção no contexto da sociedade e da universidade, com atividades de difusão cultural; (3) seu trabalho de perfil mais acadêmico, com cursos de especialização e pós-graduação e oferta de disciplinas optativas para graduação; (4) a busca maior da comunicação e relação com o meio artístico e o público, com a potenciação dos meios tecnológicos em todas as suas tarefas.

Hoje, o Museu é uma instituição que se compreende como um espaço vivo e de participação. É um museu-laboratório, tem um banco de dados sofisticado, é um museu na internet. É, ademais, um museu com projetos de estudo de sua coleção e da realidade histórica da arte dos séculos XX e XXI (espaço histórico que marca a sua ação) por meio de exposições. Além disso, o Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo procura ser um lugar de encontro vivo com a cultura da arte atual, respondendo a um público cada vez mais exigente.

## A busca de uma sede

A conquista de espaço predial representativo foi sempre o grande desafio para o Museu. Instalado, quando de sua fundação, no Parque do Ibirapuera, em parte do terceiro andar do Pavilhão das Indústrias, hoje denominado Pavilhão Ciccilo Matarazzo, somente em 1983, recebeu uma área, junto da Universidade de São Paulo, na Cidade Universitária. Era um espaço provisório, de 900 m<sup>2</sup>, destinado apenas à realização de exposições. Um edifício com instalações mais apropriadas no mesmo *campus* da Universidade, em São Paulo, em frente à reitoria, seria obtido em 1992, sendo, entretanto, ainda insuficiente para acolher todo o seu acervo e sua prática museal. Esse fato fez com que fosse mantida a área originalmente concedida no Ibirapuera, no Pavilhão mencionado, desenvolvendo-se ali parte de suas atividades e preservando-se uma das suas reservas técnicas, para a guarda de parte significativa do acervo.

A ação em dois endereços diferentes dificultou a construção da identidade institucional do Museu. Por esta razão, o MAC e suas ações culturais ganharam nova dimensão com a conquista de um novo edifício, que tem projeto de Oscar Niemeyer, localizado no Parque do Ibirapuera, hoje um importante polo de referência cultural na cidade de São Paulo.

A questão predial ganhou nova solução, com a proposta do Governo do Estado de São Paulo de oferecer o antigo Palácio da Agricultura e ex-sede do Detran, para uso do MAC. Esse prédio, com oito andares, além de um anexo com mais 4.500 m<sup>2</sup>, complementado por uma nova área construída, põe fim à incansável busca do Museu de Arte Contemporânea por um local adequado ao abrigo e à exibição de sua grande e importante coleção — patrimônio público — e às práticas de diversificado elenco de atividades relacionadas à arte.

Dessa forma, um novo capítulo se abre na história do Museu de Arte Contemporânea. Finalmente, o Museu possui uma sede onde ganham visibilidade, cada vez maior, os programas e projetos e o público encontra novas formas de ação que dinamizam o uso social do museu. Novas orientações são possíveis, como a de criar áreas expositivas especializadas para o acervo de quase dez mil obras que o museu reuniu ao longo dos seus quase cinquenta anos de existência. Assim é possível ver nos diferentes andares do

Museu mostras especiais de artes gráficas, fotografia, seu acervo moderno e exposições de arte contemporânea, além de contar com atividades educativas.

O novo edifício permite colocar o MAC no circuito cultural de São Paulo como opção de lazer, lugar de vivência artística, formação e informação, o que o torna um *lugar*

### Declaração de Roberta Matarazzo

“Fundada em 1985 por José Mindlin, a Associação de Amigos do Museu teve a antevisão do relevante papel a ser prestado pelo MAC e a ser cumprido pela sociedade. O museu universitário prima pela excelência de seu acervo de obras contemporâneas, e pelo seu acervo acadêmico que norteia a sua contemporaneidade, necessita de uma associação que o represente em diversos segmentos da sociedade. Esse papel, que me cabe cumprir no momento, tem sido possível graças aos diretores e conselheiros, nesta gestão por mim escolhidos, com grau de excelência que têm em suas multidisciplinares funções. A parceria entre a Associação de Amigos do Museu de Arte Contemporânea e a Associação Paulista de Medicina se encaixa nesse propósito e é uma honra ter projetos conjuntos com essa entidade que representa os médicos do Estado de São Paulo.”

**Roberta Matarazzo**, presidente da Associação de Amigos do Museu de Arte Contemporânea.

diferenciado, assim como acontece com os grandes museus de importante acervo nas grandes cidades do mundo.

### Sérgio Rebollo Gonçalves

Publicitário e diretor de marketing e comunicação da AAMAC desde 2006 — Associação de Amigos do Museu de Arte Contemporânea da USP



Roberta Matarazzo e o ex-Presidente Fernando Henrique Cardoso



Da esquerda para a direita: Jorge, Sérgio, Ricardo, Flávia, Guido e Roberta, reunidos no MAC

Torne sua empresa sócia da AAMAC e ganhe algo em troca: cultura.

A AAMAC conta com um programa de adesão voltado para pessoas físicas e jurídicas interessadas em participar das atividades do Museu de Arte Contemporânea da USP.

Você também pode fazer parte deste grupo seleto. Que saber como? Acesse o site e saiba mais.

**AAMAC**  
ASSOCIAÇÃO DE AMIGOS DO MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA DA USP

aamac.org.br

1963.216 - Amedeo MODIGLIANI, Automóvel, 1919, óleo sobre tela, Coleção MAC USP

Amedeo Modigliani

# As excêntricas coleções do Bibi

Vicente Amato Neto e Jacyr Pasternak

O Bibi é também conhecido como Goleiro, mas isso não tem conotação com esporte. O apelido surgiu porque ele toma gols de pinga frequentemente. Desde ocasião recente, decidiu obter informações sobre costumes e intimidades de pessoas, para preparar coleções que divulga por variados meios de comunicação. Agora, nesse contexto, passou a preocupar-se com fatos referentes a homossexuais, logicamente sem envolver críticas, comentários indevidos e homofobia. A seguir, estão exemplos de circunstâncias que atendeu.

— Em Portugal, o Ministro da Saúde destacava perante muitas pessoas suas recentes realizações, salientando particularidades. A Aids entrou em cena e ele, enfaticamente, frisou que essa doença não é tão significativa como propalam. Há destaque exagerado e injusta intranquilidade entre a população. De repente, pegou uma seringa com sangue que havia levado e afirmou a disposição de injetar no próprio braço, para confirmar o pequeno risco que defendera. Um assessor rapidamente sugeriu cautela, pois o HIV, causador da Aids, poderia estar no sangue. O Ministro não titubeou e declarou não ter medo porquanto estava usando camisinha.

— O Bibi soube que um estudo mostrou que o medicamento Truvada® pode prevenir a infecção pelo HIV se usado antes de relação sexual de risco. A propósito, conheceu um *slogan* idealizado por médico, assim composto: não vacile, assumo, use o Truvada® e dê mais uma. Cogitou de entrar em contato com a empresa produtora do produto, para utilização como propaganda. Logicamente, pedindo compensação pela ideia.

— Na cidade de Campinas, no Estado de São Paulo, um prefeito discursava ao inaugurar passarela recém-construída. Animado, disse aos presentes que com satisfação oferecia essa utilidade aos pederastas do local. Assessor próximo comunicou ao falante que deveria mudar pederastas

por pedestres. Logo, o Prefeito defendeu-se salientando que por causa de três ou quatro não alteraria o antes declarado.

— Médico usava a mesma estrada diariamente. Dirigindo automóvel, ia e vinha do lugar onde exercia atividades profissionais. Numa das viagens, viu uma mulher pedindo carona. Atendeu e durante o trajeto foram conversando. Ela era prostituta e conseguia clientela na beira da via. No relacionamento cobrava conforme o procedimento. O doutor perguntou se ela sabia o que era a Aids e se não tinha medo. Então a meretriz, enfaticamente, negou temor, pois escovava diariamente os dentes.

Convenhamos que são acontecimentos ilustrativos, somente contados sem malícia, para encaixarem-se nas compilações buscadas pelo Bibi.

# Hospital, de onde, até onde

Arary da Cruz Tiriba



Hôtel-Dieu de Paris

Disponível em <<http://www.waspegrillus.org.uk/updates/hotel-dieu-paris.jpg>>

Do latim: *hospes*, hóspede, o que recebe hospitalidade; *hospita*, estrangeira, viajera, peregrina, forasteira; *hospitaculum*, hospedaria, estalagem, albergue, pousada; *hospitale*, casa para hóspedes, hospedaria; *hospitalia*, quartos, aposentos para hóspedes, hospedaria; 1. *hospitalis*, de hóspede, o que recebe agasalho — 2. estalajadeiro, baiuqueiro, taverneiro; *hospitalitas*, condição de estrangeiro, de forasteiro. Hospitalidade, qualidade de ser hospitaleiro; *hospitaliter*, que dá agasalho, de modo hospitaleiro; *hospiticida*, matador de um hóspede; *hospitiolum*, pequena hospedaria, alberguesinho; *hospitium*, hospitalidade, hospedagem, ação de hospedar, de dar pousada; teto hospitaleiro, pousada, morada, estalagem, hospício, asilo; *hospitivus*, pertencente a um hóspede; *hospitus*, estrangeiro, peregrino, que anda de viagem (*Novissimo Dicionário Latino-Português*, F. R. dos Santos Saraiva).

Por volta do século XV, o sentido começou a mudar, aplicado ao lugar onde eram acolhidos velhos, doentes e pobres. Agora, o uso definido.

Hotel, hotelaria, mesma procedência, *hospitale cubiculum*, quartos para hóspedes.

**Hôtel-Dieu de Paris** [ilustração], considerado o mais antigo hospital de Paris, França. Consta que foi fundado por **Saint-Landry**, entre os séculos VII e XVII. Por diversas vezes reconstruído; a arquitetura atual remonta a 1877.

Correntes, hoje, designações: Hospital Dia, Hospital de Campo, Hospital Militar, Hospital de Sangue, Hospital de Emergência<sup>1</sup> e a série de Especializados.

Nosocômio, do Grego *nosokomeion*, formada por *nosos*, “doença” e *komein*, “curar”.

Dos Estados Unidos, país altamente motorizado, originou-se **motel**, contração de motor e hotel; ou seja, um hotel ao qual as pessoas chegam de veículo motorizado, geralmente, à beira da rodovia, servindo de alojamento aos viajantes para passar a noite ou período, curto, de breve descanso, prosseguindo viagem imediatamente. Difere de Hotel por não ser o destino, mas por estar em meio caminho. No Brasil, ocorreu sua expansão, afigurando-se ínsulas — *lesbos* flutuantes no *oceano urbano* —, administradas por consórcio greco-romano gerenciado por Afrodite, Vênus, Eros, Sátiro, Baco... [ALTA & FIEL FREQUÊNCIA]

<sup>1</sup> Autor instalou e dirigiu, por vezes, Hospital de Emergência (não, motel não), durante epidemias, em áreas carentes, nos vales do Paraíba do Sul, do Ribeira de Iguape e do Tietê.

Arary da Cruz Tiriba

Professor Titular, aposentado, em atuação voluntária (UNIFESP/EPM), Membro emérito da Academia de Medicina de São Paulo, ocupante da Cadeira 81, Adolpho Lutz

# Coluna do livro



**Ao Prof. Dr. Guido Arturo Palomba**  
**Diretor Cultural da APM**

Senhor Professor

Estamos, por meio desta, encaminhando ao prezado amigo e colega, o livro de anatomia *Il Corpo-Umano — Breve História*, de autoria de Alessandro Pascoli Perugino, editado em Veneza no ano de 1750.

O livro pertenceu ao Prof. Eugênio Mauro, que fez, em 1941, uma doação ao Prof. Renato Locchi, que, por sua vez, doou-o à minha pessoa em 1978, pouco antes do seu falecimento.

Estou passando a tutela do livro para melhores mãos, isto é, para o Museu da Associação Paulista de Medicina, cujo departamento cultural tem V.Sa. como diretor.

O livro é interessante, pois na época o autor divide o corpo humano em duas partes: uma principal e outra menos principal.

Caso V.Sa. achar interessante, gostaria que a obra fosse publicada na coluna do livro, do Suplemento Cultural da Associação Paulista de Medicina.

Agradecendo a atenção que V.Sa. venha a dispensar à nossa solicitação, subscrevo-me.

Atenciosamente,

José Carlos Prates

Professor Titular de Anatomia da EPM/UNIFESP



**Ao Ilustríssimo Senhor Professor  
Doutor José Carlos Prates  
Professor Titular de Anatomia da EPM/UNIFESP**

Em nome da Associação Paulista de Medicina, muito obrigado queridíssimo Professor Prates pela preciosa doação, um ato de generosidade próprio dos grandes mestres e de múltipla importância à nossa Casa, que doravante cuidará deste tesouro.

Permita-nos apresentar a obra aos nossos distintos leitores. É dividida em três partes: *Livro primeiro*, em que se expõe o corpo humano e *sui parti principali e altre meno principali*. *Livro segundo*, que trata dos fluidos, como o sangue, a saliva, a urina e, curiosamente, a *anima* e o *agenti sensibili*. A última parte, *Dei muscoli*, apresenta os músculos do corpo humano. Contém índice remissivo *delle cose più notabili*, vinte ilustrações de folha inteira, 256 páginas, mais 29 numeradas, com capa em pleno pergaminho. Publicada em 1750, edição veneziana de Andrea Poletti.

Mais uma vez, em nome da Associação Paulista de Medicina, muito obrigado queridíssimo Professor José Carlos Prates pela preciosa doação. Temos a certeza de que tal raridade, vinda à luz há 264 anos, que pertenceu a três adamastradores do ensino médico brasileiro, Professores Eugenio Mauro, Renato Locchi e José Carlos Prates, continuará a estimular a curiosidade intelectual de muitas outras gerações de glória que hão de vir.

Fraterna e respeitosamente,

Guido Arturo Palomba  
Diretor Cultural da APM

**Guido Arturo Palomba**  
Diretor Cultural da APM

Observação: todos os livros comentados aqui pertencem à Biblioteca da APM. Aos que desejarem doar livros para esta coluna, fazer contato com Isabel, Biblioteca.

# Tempo de Saudade

Saudade terna lembrança,  
mágoa de um olhar sobre o passado!

Saudade, sonho acordado,  
ilusão ou esperança  
— quase felicidade!

Ou, verso triste no coração guardado:  
Saudade, um adeus ressuscitado!

Maio, 2014

**Luis Gastão Costa Carvalho Serro-Azul**

Disponível em <<http://osonhardeviver.blogspot.com.br/>>

## DEPARTAMENTO CULTURAL

**Diretor:** Guido Arturo Palomba – **Diretor Adjunto:** Carlos Alberto Monte Gobbo

**Conselho Cultural:** Duílio Crispim Farina (*in memoriam*), Luiz Celso Mattosinho França, Affonso Renato Meira, José Roberto de Souza Baratella, Arary da Cruz Tiriba, Luiz Fernando Pinheiro Franco e Ivan de Melo de Araújo

**Cinamateca:** Wimer Bottura Júnior – **Pinacoteca:** Guido Arturo Palomba

**Museu de História da Medicina:** Jorge Michalany (curador, *in memoriam*), Nilceo Schwery Michalany (vice-curador)

*O Suplemento Cultural somente publica matérias assinadas, as quais não são de responsabilidade da Associação Paulista de Medicina.*